

Para o Christoph, obviamente xx

The book cover features a central illustration within a large, dark, circular frame. Two dragons, one purple and one teal, are depicted breathing fire from a central volcano. A small figure sits on the purple dragon's head, and another figure is on the teal dragon's head. The background is a dark, starry night sky. The entire cover is framed by a decorative border of gold leaves and stars. In the four corners, there are circular medallions containing stylized landscape or abstract designs.

LIZ
FLANAGAN

A ASCENSÃO DOS
DRAGÕES
SOMBRA





• D OIS DRAGÕES VOAVAM NA ESCURIDÃO. •

★ A sua respiração saía em arquejos ofegantes. As suas asas batiam pesadamente e cada movimento era um esforço penoso. Os seus flancos escamosos estavam raiados de sangue.

— Os dragões precisam de descansar — gritou a Milla, com o cabelo negro a escapar do seu lenço azul. O rosto dela estava coberto de pó e cinzas. — Eles não vão conseguir.

— Vão, sim! Têm de conseguir — gritou o Thom com a voz rouca e um olhar carrancudo. — Milla, temos de chegar a Arcosi, antes que seja tarde demais.

Enquanto a Milla e o Thom discutiam os próximos passos, um enorme jato de vapor quente subiu a sibilar das encostas por baixo deles e não acertou no dragão vermelho por um triz. O dragão deu uma guinada abrupta, quase perdendo o controlo.

— Thom! — gritou a Milla. — Estás bem? — Ela virou-se de lado e incitou o seu dragão azul a descer, a procurá-lo na escuridão.

A voz do Thom elevou-se da penumbra mais abaixo.

— Vês? O vulcão está a entrar em erupção. Neste preciso momento! Não há tempo. Temos de tentar!

Agachados nos dorsos dos dragões, encolhidos e tensos, os dois cavaleiros dirigiram-se para oeste, instigando os seus dragões exaustos a fazerem um último esforço.

A Milla ia sussurrando palavras constantes de incentivo.

— Depressa, *Iggie*, depressa! Nem que seja a última coisa que façamos, temos de os avisar do perigo. Temos de lhes dizer o que fazer.

Atrás deles, faíscas acobreadas rasgavam o céu.





CAPÍTULO UM

Seis meses antes

★ **O** JOWAN THORNSSEN ESTAVA A SONHAR que voava. As suas mãos seguravam um pescoço roxo escamoso, o vento puxava o seu cabelo, o mar brilhava debaixo dele, enquanto o seu dragão voava depressa pelo ar...

Quando acordou, o Joe ainda sorria. O sonho desvaneceu-se quando ele se sentou com um sobressalto, ao recordar-se de que dia era. O Dia da Eclosão calhava no seu décimo segundo aniversário. Os seus amigos, a Amina e o Conor, tinham dito que isso lhe daria sorte. E sonhara com dragões? Devia ser um bom sinal. Hoje, era o dia em que a vida dele mudaria para sempre. Quando a noite chegasse, ele poderia já ter-se vinculado a um dragão acabado de eclodir. Passaria a viver na Escola de Dragões de Arcosi. A sua mala estava ali mesmo, arrumada e pronta. A excitação fervilhava dentro do Joe e ele não conseguia manter-se quieto durante mais tempo.

Saltou da cama e vestiu a camisa e as calças amarrotadas do dia anterior, sem tocar nas novas roupas brancas que tinham sido

deixadas para ele; eram para a cerimónia, mais tarde. Ele queria correr e cantar e gritar, mas ainda era cedo, por isso, esgueirou-se para o andar de baixo, evitando as tábuas do chão que rangiam e saltando os últimos três degraus. Não se ouvia o menor ruído do quarto dos pais.

Lá fora, o fumo serpenteava desde a chaminé da cozinha até um céu azul sarapintado com nuvens rosadas. Ele espreitou por uma fresta da porta da cozinha. Não havia sinal do Matteo, o cozinheiro, além de uma grande travessa de rolinhos de canela numa bancada. Eram os seus favoritos. O Joe entrou e tirou dois, queimando os dedos. Enfiou-os nos bolsos, sentindo o calor a espalhar-se através do linho gasto. A seguir, saiu à socapa pela porta das traseiras, caminhou depressa pelo jardim e trepou o alto muro de pedra do campo de treino, onde passara horas a praticar com a espada.

Empoleirou-se ali como um pombo, a observar os telhados de Arcosi, com o vento no rosto a lembrá-lo novamente do seu sonho. Abriu os braços como se fossem asas e o seu coração levantou voo. Ele olhou para além dos navios ancorados no porto bem mais abaixo, até ao mar pálido, que se estendia em todas as direções. Hoje, ele teria a sua primeira hipótese de criar um elo com um dragão. Olhou para o mar e imaginou-se a voar sobre as águas. Estava tão perto disso, que quase conseguia saboreá-lo. Seria exatamente como no seu sonho.

Nesse instante, ficou tudo escuro quando um dragão planou baixo por cima dele, com as suas asas safira abertas. Aterrou mesmo no exterior do campo de treino com o som de uma rajada de asas e de terra a ser esmagada.

— Milla! — O Joe saltou do muro e foi cumprimentar a prima. — Pensei que estavas demasiado ocupada para vir hoje.

— Nunca estou demasiado ocupada para o teu aniversário, Joe!
— A Milla lançou-se para fora do seu dragão e o Joe precipitou-se para ela. — Dentes de dragão! Juro que crescestes numa semana.

Era verdade. O Joe estava a crescer tão depressa que as suas pernas lhe doíam todas as noites, e estava constantemente a chocar com coisas, por não estar habituado ao seu novo corpo. Essa não era a única coisa nova: humores estranhos e intensos chegavam como tempestades. Passavam tão depressa como surgiam, por isso, ele mantinha-se calado e esperava que ninguém reparasse.

— Estás suficientemente alto para pegares em *mim*. — Ela desfez o abraço, com os olhos a brilhar e os caracóis negros a emoldurarem a sua face. — Não te atrevas a tentar ou eu atijo-te o *Iggie*.

Ele riu-se com o tom falsamente sério dela. A Milla podia ser uma das primeiras cavaleiras de dragões de Arcosi, agora com quase 25 anos, mas estava sempre pronta para brincadeiras e ele adorava-a por isso.

O Joe esticou-se para o *Iggie*, o enorme dragão azul da prima, que o cumprimentou entusiasticamente com faíscas e grunhidos e muitas marradinhas que quase o derrubaram. O *Iggie* era pelo menos duas vezes maior do que o maior cavalo de carga da ilha, e as suas asas eram imensas. O Joe passou as mãos pelo pescoço escamoso do *Iggie* e apercebeu-se de que, ao pôr do sol, também ele já poderia ter um dragão só seu. Em carne e osso, nos seus braços. Que presente de aniversário seria!

— Eu também me costumava sentar aqui — disse a Milla, fazendo um gesto para o muro. — É a melhor vista da cidade. Vamos?

Eles treparam de novo e sentaram-se lado a lado. Havia uma lua cheia ensombrada a ceder caminho ao sol nascente, e o ar permanecia frio.

— Parabéns, Joe. Isto é para ti. — A Milla passou-lhe uma pequena bolsa de cabedal.

— Obrigado — disse ele, enquanto abria o cordão. Inclinou-a com cuidado e algo pequeno e brilhante caiu na palma da sua mão aberta. Parecia uma moeda e uma corrente prateada.

— É igual à minha — disse a Milla, tocando na medalha que usava sempre ao pescoço.

O Joe ergueu o disco prateado. Tinha um emblema gravado: um círculo para representar a lua cheia e um dragão em voo por baixo. Era o símbolo da família deles, os antigos cavaleiros de dragão de Arcosi.

— Oh, Milla. — Era difícil encontrar as palavras certas. — É perfeita. Vou usá-la hoje, para me dar sorte.

— Deixa-me ajudar-te com o fecho. — A Milla apertou a corrente atrás do pescoço dele, afastando o seu cabelo preto e ondulado para o lado. — Já está! Tal como devia ser.

Ele tocou na medalha, sentindo o metal frio instalar-se junto à garganta.

— E aqui tens uma coisa para ti: pequeno-almoço! — O Joe passou-lhe um rolinho e começou a devorar o seu.

— Oh, acabadinho de sair do forno. Os rolinhos de canela do Matteo são tão bons como os da Josi — disse ela, acenando em gratidão.

— É melhor não lhe dizeres isso — disse o Joe, com um sorriso. O mau feitio da mãe era tão lendário como os seus cozinhados. Atualmente, a Josi pertencia à alta sociedade da ilha, reconhecida como uma descendente da antiga família real de Arcosi, mas quando a Milla era pequena, a Josi era a cozinheira da casa e a sua verdadeira identidade permanecia oculta.

— Então — disse a Milla a seguir, arrastando a última sílaba. — É o grande dia.

— Pois — murmurou o Joe, com a boca cheia.

— Estás pronto? — perguntou ela.

— Sinto-me pronto. — Ele hesitou, e deu-se conta de que o seu coração batia mais depressa quando decidiu contar-lhe. — Esta manhã, sonhei com um dragão. Era roxo. Isso aconteceu-te com o *Iggie*...?

Ela sorriu, ao recordar.

— Sim, algumas vezes. Eu não conseguia vê-lo, exatamente. Mas sabia que ele era azul e sabia que voaríamos juntos.

— Sim! — disse o Joe, aliviado. — Foi essa a sensação que tive. Há um ovo roxo? — implorou ele, numa onda de ansiedade. — Quantos há? Tu viste-os, não viste? Diz-me, Milla, por favor!

— Tu sabes que eu não te posso dizer. — Os olhos castanhos da Milla fixaram-se nos dele, a brilhar com vida e humor.

Ele tomou-o como um sim. *Havia* um ovo roxo! Ele sabia.

A Milla bocejou demoradamente e, pela primeira vez, o Joe reparou nas olheiras dela.

— Estás bem? — perguntou ele.

— Não dormi muito a noite passada — disse ela. — Sarilhos na cidade baixa. A Tarya teve de mandar alguns cavaleiros de dragão para dar apoio às tropas dela.

— Sarilhos com a Fraternidade? — adivinhou o Joe.

— Quem mais podia ser? — A Milla fez uma careta.

Depois de os dragões regressarem, mesmo antes de o Joe ter nascido, o exército de Arcosi fora reduzido a metade — a ilha simplesmente não precisava de tantos soldados quando tinha dragões para a defender. Metade dos soldados tinha recebido um

pagamento para deixar os seus cargos, há todos aqueles anos. E alguns deles, cheios de ressentimento, tinham-se juntado e agora chamavam a si mesmos Fraternidade. Vagueavam pela cidade, a causar chatices e a lançar insultos, mas ninguém os levava muito a sério.

— A culpa não é da Tarya! — defendeu o Joe a irmã, que tinha o cargo de general da ilha. — Ela foi generosa para com os soldados que se foram embora. — Ele tinha ouvido o pai dizer isto muitas vezes.

— E continua a ser. É esse o problema. — A Milla suspirou. — Eu compreendo que ela não os possa banir, para o caso de isso os tornar mais populares, mas... — Ela impediu-se de continuar.

— O que queres dizer? — Ele lembrava-se de ver os homens, ainda com os seus velhos uniformes pretos, rotos e esbatidos. Nas esquinas das ruas, juntavam-se a beber durante o dia, a tentar que as pessoas lhes dessem ouvidos. — Eles são inofensivos... não são?

— Desculpa, Joe. — A Milla pôs uma mão no ombro dele. — Eu não devia estar aqui a falar das minhas preocupações, não no teu aniversário. Não deixes que isto estrague o Dia da Eclosão. É a tua primeira vez. Como te sentes?

O Joe parou, para considerar verdadeiramente a pergunta.

— Entusiasmado? Um pouco nervoso.

— Não te preocupes; todos os dragões estão saudáveis desta vez.

— Tens a certeza? — perguntou ele, ansiosamente.

Esta era apenas a segunda ninhada de ovos desde a Perda Irreparável. Há dois anos, uma terrível doença abatera-se sobre os salões dos dragões de Arcosi e matara mais de metade dos dragão. O Isak, o irmão do Joe, um dos primeiros cavaleiros de dragão, tal como a Milla, era o Protetor-Mor dos Dragões de Arcosi e, com o choque, o seu cabelo tinha ficado totalmente branco da noite para o dia.

— O Isak tem estado atento — dizia a Milla agora. — Ele cuidou destes ovos como se fossem dele.

Também devia ser um dia de nervos para todos eles, apercebeu-se o Joe de repente. Quando a Perda Irreparável ocorrera, ninguém conseguira salvar aqueles dragões: nem a Milla com todas as suas capacidades de cura; nem o Isak com toda a sua sabedoria; nem a Tarya com todas as suas competências de guerreira; nem o duque Vigo, apesar do seu poder. Ele tinha ouvido os rumores. Todos sussurravam que era um sinal de que aqueles jovens não sabiam o que estavam a fazer e que deviam ser outras pessoas a assumir o comando da cidade. Por esse motivo, eles precisavam que isto corresse bem.

Mas não tanto como ele.

O Joe olhou para baixo e reparou que estava a segurar na medalha prateada com força. *Por favor, que possa ser eu hoje*, desejou ele. *Por favor, não me deixem ser um rasteirinho!*

Aquela era a alcunha para as pessoas que não conseguiam criar um elo com dragões. Alguém que só podia andar no chão: um *rasteirinho*. Alguém que nunca voaria no dorso de um dragão. Era sussurrado pelas crianças antes de cada cerimónia. Não era suposto dizer-se. A maioria das pessoas na ilha era rasteirinha. Apenas uns poucos sortudos eram cavaleiros de dragão. Isso não impedia que todas as crianças rezassem, sonhassem e desejassem que um dragão as escolhesse.

Desde que os dragões tinham regressado, todas as pessoas jovens da família do Joe tinham criado um elo com um.

— Oh, Milla, espero que todos os ovos sejam saudáveis. Independentemente de com quem formem um elo.

— Está tudo bem, Joe — disse a Milla, com um olhar carinhoso a brilhar com compreensão. — O que te está destinado não te fugirá.

Ele acenou, tranquilizado.

— Anda, vamos descer. Está na hora de te arranjares. — Ela balançou-se até à beira do muro e saltou, aterrando com leveza sobre os dois pés.

O Joe seguiu a prima, sentindo o entusiasmo a crescer novamente. O ar cheirava a sal e lenha queimada, e ele conseguia ouvir os chamados distantes dos pescadores no porto, os sons da cidade insular a despertar.

O *Iggie* levantou-se de onde estivera a dormir, sob os primeiros raios de sol. Para surpresa do Joe, o dragão azul foi ter com ele primeiro e colocou a enorme testa contra o peito dele.

— Ele está a desejar-te boa sorte — explicou a Milla. — É por nós os dois...

O Joe coçou o espaço entre as orelhas azuis do *Iggie*, grato pela atenção dele, mas tendo consciência de que o coração do dragão pertencia inteiramente à sua prima.

— Obrigado, *Ig* — sussurrou o Joe, de modo a que apenas o dragão ouvisse. — Esperemos que mais logo haja um novo dragão roxo para conheceres.

O *Iggie* semicerrou os seus imensos olhos verdes e rosnou baixinho, lançando arrepios por todo o corpo do Joe.

Ele descontraíu. Hoje, ia correr bem. Hoje, seria o melhor aniversário de sempre.

O Joe conseguia ouvir os pais a falarem sobre ele, enquanto subia as escadas da Casa Amarela a correr para trocar de roupa, ouvindo passos e o *clac* que o pai fazia com a sua bengala.

— Então, porque é que ele não está aqui? — dizia o pai. — O que poderia ser mais importante?

— Nestan, meu amor — respondeu a mãe. — Não te preocupes tanto. Ele não chegará atrasado. Ele tem andado tão entusiasmado, tem contado os dias que faltam! Talvez, ele só...

— *Cheguei!* — O Joe empurrou a porta do quarto com um estrépito. — Desculpem, perdi a noção do tempo a conversar com a Milla.

A mãe lançou-se sobre ele primeiro.

— Parabéns, Joe! — Ela apertou-o num abraço afetuoso, dando um beijinho sonoro na bochecha dele. Ela já envergava as suas melhores roupas: um vestido carmim com um lenço de seda a condizer sobre o cabelo negro. — Aqui está a nossa prenda para ti. — Ela fez um gesto na direção da cama.

Havia um grande embrulho ao lado das roupas brancas para a cerimónia.

O Joe correu até lá e pegou no embrulho, abrindo-o avidamente. Continha um chapéu revestido a pelo e grandes luvas de couro, forradas a seda, aconchegantes e quentes. Podia-se ficar com frio a voar, segundo ele ouvira a Milla dizer. Ele iria precisar disto, assim que o seu dragão ficasse suficientemente grande para o transportar. Os cavaleiros de dragão usavam sempre as cores dos seus dragões. E estas peças eram... *roxas!* O mesmo roxo-escuro do seu sonho.

Como é que eles sabiam?

— Obrigado — sussurrou o Joe, internamente feliz por esta prova de que os pais acreditavam nele.

— Podes experimentá-los mais tarde, *depois...* — disse a Josi.

— Parabéns, Joe — disse o pai, abraçando-o. — E há mais uma coisa, agora que tens 12 anos. — Ele trazia um grande cilindro ao

ombro, preso por uma tira de couro. Balançou-o, apanhou a tira e deu-o ao filho.

O Joe pegou no cilindro. O seu peso e suavidade pareciam-lhe familiares. Uma memória surgiu, dos dias em que ele seguia o pai como uma pequena sombra, fazendo perguntas intermináveis e recebendo respostas pacientes, o dia todo.

O Joe estava de pé no escritório, ainda tão pequeno que mal conseguia ver por cima da secretária.

— O que é isso? — perguntou o Joe, apontando para um cilindro macio de couro negro.

— É o meu estojo de naufrágio — respondeu o Nestan. — Já salvou a minha vida três vezes.

— Como? — perguntou o Joe, sem entender.

— Quando um navio se afunda, não há tempo — explicou o pai, esticando a mão para o estojo. — Houve três coisas que me salvaram: sorte, saber nadar e isto.

— O que tem lá dentro?

— Pederneira e acendalhas, uma lâmina, linhas de pesca, anzóis, um oleado, uma bússola... — O Nestan abriu-o e despejou o conteúdo sobre a secretária. — Tudo o que precisas para sobreviver.

E agora o Joe tinha o seu próprio estojo de naufrágio.

— Uau! Obrigado, pai — disse ele, comovido. E, depois, disse em tom de brincadeira: — Estás à espera de que eu precise dele?

— É uma tradição. Nós somos um povo do mar — disse o Nestan, sorrindo, com os seus olhos azuis marcados por rugas de riso. — Antigamente, todas as crianças norlandesas recebiam o seu próprio estojo de naufrágio quando faziam 12 anos. Mantém-no por perto e espera nunca precisar dele.

— Bem, pelo menos não hoje. — O Joe colocou-o na prateleira e virou-se novamente para as vestes brancas que tinha de usar naquela manhã, como uma folha de pergaminho em branco, até que o seu dragão roxo criasse um elo com ele.

— Acho que podemos ter a certeza disso. Agora, se trocares de roupa depressa, talvez ainda cheguemos a tempo. — O Nestan passou uma mão pela barba branca e áspera enquanto a outra se apoiava na bengala. — O teu irmão e irmã estarão à espera. — Mas ele não se moveu, não imediatamente.

A mãe do Joe deslizou um braço à volta da cintura do Nestan. Os pais dele ficaram ali, ambos a olhar para ele de uma forma estranha, com os seus sorrisos ligeiramente vacilantes e húmidos.

— O que foi? — Ele fitou-os de volta. — Estamos com pressa ou não? O que há de errado?

— Oh, não há nada de *errado*, Joe! — disse a Josi. — Só estamos muito orgulhosos de ti.

Nunca tinha ocorrido tal coisa ao Joe.

— Eu ainda nem sequer fiz nada.

— Estamos orgulhosos de ti — repetiu o pai, pestanejando furiosamente e limpando a garganta —, aconteça o que acontecer.

A mãe do Joe limpou uma lágrima da bochecha.

— Oh, olhem para isto! Vou estragar esta seda e ainda nem sequer chegámos à cerimónia. — Ela fungou de forma pouco discreta e limpou o rosto à manga da camisa do marido.

— Vão andando, eu desço num instante. Prometo que não vamos chegar atrasados! — O Joe virou-se para esconder o rosto assim que se apercebeu: se hoje corresse tudo bem, ele nunca mais voltaria a morar na casa dos pais. Estivera tão ocupado a pensar no seu dragão que se tinha esquecido dessa parte. Com um novo aperto no coração, deu-se conta de que estava pronto para tudo: pronto para crescer e deixar a sua casa para trás, pronto para deixar os seus pais muito orgulhosos e definitivamente pronto para o seu dragão.



CAPÍTULO DOIS

★ **A** ILHA DE ARCOSI ESTAVA UMA ANIMAÇÃO. Fervilhava de vida como um formigueiro gigante. Os sinos tocavam, ecoando pelas ruas íngremes e serpenteantes, a chamar todos para a praça do mercado perto do porto, para a Cerimónia de Eclosão.

O Joe e os outros Candidatos estavam reunidos numa rua ensombrada mesmo por cima da praça do mercado, à espera de serem chamados. Estavam ocupados a dizer adeus aos seus pais, sob o olhar atento de quatro guardas protetores de dragões.

— Boa sorte, Joe — disse-lhe a mãe ao ouvido, ao abraçá-lo com força. Afastou-se e afagou-lhe o cabelo à frente, onde costumava ficar espetado.

O Joe percebeu que ela queria dizer mais, mas virou-se em direção ao pai, que procurava o Isak e a Tarya na multidão. Reparou, com uma pontada de preocupação, como o seu pai parecia velho, apoiado na sua bengala, com os cabelos brancos a brilharem ao sol.

— Adeus, pai — disse o Joe primeiro, dando-lhe um abraço rápido. — É melhor descerem para não perderem os vossos lugares.

O Nestan acenou.

— Vamos ter contigo, *depois*.

Depois. Quando, apenas talvez, ele estivesse a segurar o seu dragão! O Joe tentou imaginar isso: uma cria roxa e serpenteante nos braços. O seu entusiasmo aumentou ainda mais.

Viu os pais descerem para tomarem os seus lugares na praça do mercado, quente e apinhada, mais abaixo. Hoje, não havia bancas. Em vez disso, os patamares estavam repletos de pessoas em filas inclinadas, como se estivessem num teatro, prestes a assistir a uma peça. Bandeiras de cerimónia esvoaçavam, com os símbolos de Arcosi e Sartola. E ali, no centro, como num palco, estava um círculo vazio iluminado pelo sol, a aguardar a chegada dos dragões e dos ovos. O estômago do Joe começou a dar voltas de antecipação.

— Joe!

Ele virou-se para ver os amigos a vir na sua direção, também vestidos de branco. Deviam ter chegado mais cedo. O Joe sentia-se feliz por todos serem Candidatos juntos.

— Feliz aniversário! — disse a Amina, com uma energia contagiante, a abrir caminho até ele, usando um novo lenço branco na cabeça a condizer com as vestes.

— Amina! — De repente, o dia pareceu ainda mais radiante para o Joe.

O Conor chegou a seguir, mais devagar, e deu ao Joe um ligeiro empurrão.

— Lá porque é o teu aniversário, não significa que ficas com o primeiro dragão, está bem?

— Claro que não! — O Joe sorriu-lhe. — Mas pode acontecer!

— Candidatos! — Um protetor pô-los em sentido. — Os ovos chegarão em breve. Já não falta muito: sejam pacientes e coloquem-se nas vossas posições.

— Ah, esta parte demora mais do que pensámos — disse a Amina com impaciência, mudando o peso de uma perna para a outra e equilibrando-se nas pontas dos pés. — Lembro-me da última cerimónia. Eles não se atreveram a apressar a carruagem para não chocalharem os ovos. Há tempo para te dar os teus presentes!

— Agora? — disse o Joe. — Mas eles estão prestes a chamar-nos. — Comparado com isso, nada mais interessava.

— Nã', da última vez demorou séculos — disse o Conor. — Parabéns, Joe. — Ele tirou uma trouxa do bolso e deu-lha. — Cuidado. Não cortes o polegar. Eu sei como és desastrado, meu amigo.

O Joe desembulhou a bolsa de couro macio. Abriu-a e tirou de lá uma pequena faca com um cabo de osso gravado com a cabeça de um dragão a lançar chamas.

— Eu e o meu pai encontrámo-la numa viagem de comércio o inverno passado — disse o Conor. — Guardei-a para ti.

— Uau! — O Joe testou a lâmina no polegar. — Au. É afiada! — Uma bolha vermelha de sangue formou-se.

— Eu disse-te, idiota — troçou o Conor.

— Ei. — O Joe embainhou a lâmina e deu uma cotovelada ao Conor.

— Ele quer dizer *obrigado* — disse a Amina.

— Obrigado, Conor. A sério. — Ele guardou a faca cuidadosamente no bolso interior do seu casaco branco.

— É a minha vez! — disse a Amina, e tirou um pequeno embrulho enrolado em seda roxa. Deu-o ao Joe. A luz do sol tornava os olhos dela de um âmbar dourado e a sua pele castanha

brilhava contra o lenço pálido. O seu sorriso era muito largo e muito branco. Ela abraçou-o depressa e disse: — Fi-lo para ti.

— Obrigado. — O Joe ficou comovido. O embrulho abriu-se numa névoa de cores reluzentes como joias. No pequeno pedaço de tecido estava bordado um dragão roxo em voo contra um fundo azul-escuro, com uma borda de formas hexagonais de várias cores, todas interligadas.

Outro dragão roxo! Era um sinal.

— É incrível — disse ele. — A sério!

— Quando te tornaste tão boa, Amina? — O Conor inclinou-se, impressionado.

— Tenho bordado à noite, depois de terminar o trabalho do dia.

— Deve ter demorado uma eternidade! — disse o Joe.

As bochechas da Amina ficaram rosadas.

— Esse azul é feito com índigo das Ilhas Silk. — A sua família de tecelões tinha vindo de lá e instalara-se em Arcosi há algumas gerações. — E eu própria misturei o vermelho, a partir de raiz de ruiva.

O Joe dobrou-o com cuidado e pô-lo no seu outro bolso. O dia pareceu-lhe ainda mais especial. Ele queria dizer quão sortudo se sentia. Como era bom ter amigos que o conheciam como o Conor e a Amina.

— Vocês... É... Eu estou... sabem? — As palavras falharam-lhe e ele limitou-se a sorrir para eles. — Obrigado.

— Não tens de quê — disse o Conor, sorrindo de volta.

— Cinco minutos! — gritou o protetor para eles. — Posições finais, por favor!

Em silêncio, todos fitaram o fundo da rua. Eles tinham ensaiado. Sabiam o que iria acontecer, mas continuava a inspirar admiração.

Todas as cabeças se viraram para observar a procissão de dragões e a carruagem com os ovos, a rolar lentamente pela larga rua principal, que circundava a ilha como uma serpente.

O Joe teve um vislumbre da *Ravenna*, a mãe dragão que avançava à frente dos protetores de dragões que puxavam a carruagem. Quando ela passou o fundo da rua, encheu totalmente o espaço aberto. O Joe viu as suas grandes asas negras dobradas, o comprido pescoço escamoso, as garras a lançar faíscas contra as pedras do chão. Como se o sentisse, ela virou a enorme cabeça, fulminou-o com o seus olhos amarelos e sibilou.

O Joe arquejou. Ele sabia que as mães dragão eram protetoras, mas era muito diferente quando isso era dirigido a ele.

Não restava mais tempo: eles também começaram a caminhar, a seguir a procissão pela rua principal. O Joe olhou sobre as cabeças dos outros, apercebendo-se de que ele era o mais alto ali.

O Conor ia à sua frente, com os seus caracóis acobreados a formar novos nós enquanto caminhavam. Atrás dele estava a Amina, que não parava quieta, impaciente.

Agora, o Joe conseguia ver os seus irmãos no meio da praça do mercado. Meios-irmãos, na verdade, mas aos olhos do Joe não havia nada de incompleto entre eles. Ele adorava-os.

O seu irmão Isak era o Protetor-Mor dos Dragões de Arcosi, famoso por ter lido todos os livros da biblioteca da cidade. Alto e calmo, com cabelo branco e óculos com armação preta, o Isak estava agora junto da mãe dragão e da sua ninhada de ovos coberta. Estavam rodeados por todos os dragões adultos de Arcosi — uma dúzia, no total.

A seguir, os seus olhos pousaram na irmã, a Tarya, ao lado do seu marido, o duque Vigo. A Tarya era a general da ilha e tinha

levado as forças de Arcosi à vitória na revolução, quando o Vigo se tornara duque, há 13 anos.

O Joe reparou que a sua irmã parecia cansada. Os caracóis louros e desordenados da Tarya estavam entrançados contra o seu couro cabeludo, ao estilo das cavaleiras de dragão. Ela usava a sua espada à cintura, a armadura de cerimónia e braçadeiras. Ela sempre fora a sua irmã feroz e competente, mas agora o seu rosto estava branco-acinzentado. Todos sabiam o motivo para isso: ela acabara de anunciar que estava grávida. Ela mordeu o lábio, como se tentasse controlar os enjoos. A mãe dele tinha dito à Tarya que era normal e que em breve ela se começaria a sentir mais forte. Pela Tarya, o Joe esperava que ela não vomitasse ali — ela odiaria isso.

Ao lado da Tarya estava a Rosa, a sua segundo-comandante e velha amiga, com o seu enorme dragão cor de laranja, o *Ando*. Todos esperavam que a Rosa substituísse a Tarya enquanto ela cuidava do seu novo bebé; alguns estavam surpreendidos por isso ainda não ter acontecido.

— Esperem! — disse o protetor dos dragões aos Candidatos.

O Joe e os outros pararam mesmo no exterior da praça do mercado. A qualquer momento, o duque daria início à cerimónia e eles entrariam no espaço vazio para assumirem as suas posições.

Ele sentiu que todo o seu corpo fervilha com excitação e impaciência.

Nesse instante, alguém se enfiou no espaço entre o Joe e a Amina e inclinou-se para a frente para murmurar:

— Sentes-te com sorte, aniversariante?

Era o Noah, da turma do Joe na escola da cidade, que todas as crianças de Arcosi frequentavam durante pelo menos alguns anos. Ele era pequeno, magro e musculado, com um rosto delgado

sardento e cabelo castanho-claro que lhe caía sobre os olhos. Ele também usava as roupas brancas de um Candidato.

— O que fazes aqui? — O coração do Joe apertou-se. — Pensei que odiavas o duque e a minha irmã.

O pai do Noah fora um dos soldados que ficara sem trabalho quando os dragões tinham chegado. Ele fora morto o ano passado numa briga de rua e o Noah culpava o Vigo e a Tarya por terem tirado o trabalho, o orgulho e a vida ao seu pai.

Por isso, o Joe e os amigos tinham tentado ser simpáticos com o Noah, mas ele não o facilitava.

— Sim, e depois? — O Noah semicerrou os olhos e olhou na direção do duque com intensidade. — Porque é que eu perderia a oportunidade de ter um dragão?

O Conor e a Amina trocaram um olhar preocupado.

— Está bem, Noah. — O Conor virou-se para o rapaz mais novo e disse calmamente: — Olha, agora é com os dragões. Eles vão escolher quem quiserem.

— Eu sou um verdadeiro norlandês, não um meio-sangue como o Joe ou um forasteiro como vocês os dois. Claro que um dragão me escolherá.

Antes da revolução, quando o antigo duque governava, as pessoas de origem norlandesa eram as mais privilegiadas e abastadas.

— Ah, ninguém se importa com isso agora — disse o Joe, a conter uma resposta mais forte. Ele herdara tanto os olhos azuis do pai, como o cabelo preto da mãe, e a sua pele era castanho-clara. Às vezes, as pessoas adivinhavam mal a sua linhagem. No entanto, ele nunca tinha sido insultado deste modo anteriormente, pelo menos não cara a cara. — *Meio-sangue?* — repetiu ele, a tentar desvalorizar. — Foste tu que inventaste isso? — Soava ridículo.

— Isso é o que tu pensas! — disse o Noah. — Espera só e...

Um dos guardas protetores dos dragões aproximava-se, com a testa franzida. Todos se calaram. Nenhum deles queria ser excluído. Não agora, no último instante possível.

— Estão à espera de quê? Chamem-nos de uma vez! — murmurou o Noah, depois de o protetor passar.

O Joe espreitou para a frente, para ver o que se passava.

O Isak falava com a mãe dos ovos, a *Ravenna*, o feroz dragão negro vinculado à Lanys, a jovem mulher que estava curvada rigidamente, a olhar com má cara para todos.

Havia algum problema? O Joe estudou a Lanys: o rosto saradento dela estava branco de preocupação, tinha sombras arroxeadas debaixo dos olhos, o cabelo castanho-arruivado estava entrançado para trás e todos os seus músculos estavam tensos. Ele imaginava que devia ser difícil ver o dragão dela a chocar os ovos da ninhada, sem poder ajudar, sem se poder aproximar. Todos sabiam que nesta altura as mães dragão eram perigosas. Os seus instintos protetores eram fortes, e magoavam ou matavam qualquer um que se aproximasse demasiado dos ovos.

Havia um rumor de que alguém tinha destruído um ovo nos primórdios do regresso dos dragões. A mãe dragão tinha reagido letalmente, antes de a conseguirem travar. Ao olhar para a *Ravenna*, o Joe apercebeu-se com choque de que os outros dragões estavam ali para proteger os Candidatos, não os ovos.

Deixa-nos passar, pensou ele, enquanto olhava para a Lanys. *Deixa-nos criar um elo com os dragões bebé e podes ter a tua Ravenna de volta.*

Como se o tivesse ouvido, a Lanys virou-se e franziu mais a testa para todos os Candidatos à espera.

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES SOMBRA

Por fim, o Isak parou de falar com a *Ravenna*, endireitou-se e ergueu a voz.

— Bem-vindos à Sexta Cerimónia de Eclosão do reinado do duque Vigo...

Ouviram-se aplausos nesse instante e vivas ecoaram pela praça do mercado.

Era agora. O momento pelo qual o Joe tinha esperado durante toda a sua vida.



CAPÍTULO TRÊS

A HORA CHEGARA. O JOE PÔS-SE EM BICOS dos pés para ver os ovos de dragão serem revelados.

O duque Vigo avançava agora. Ele parecia sério e distante. Não o homem calmo e bondoso que o Joe conhecia dos encontros de família. A voz grave do duque chegou até ao fundo da multidão.

— Cidadãos de Arcosi, convidados de Sartola, dou-vos as mais calorosas boas-vindas.

Todos se viraram para olhar para o Luca, o rei de Sartola e companheiro do Isak, que estava na fila da frente, ao lado da Tarya. O Luca sorriu e anuiu perante as boas-vindas, erguendo uma mão para acenar para as multidões.

— Temos a sorte de termos sido abençoados com esta ninhada — prosseguiu o duque Vigo. — Como sabem, esta é uma cerimónia sagrada, protegida por lei. — O duque parecia feroz ao proferir o aviso formal e, durante um instante, o silêncio foi total.

O Joe perguntou-se se aquilo seria destinado à Fraternidade. Ele olhou rapidamente à sua volta, mas não conseguiu ver ninguém vestido de preto.

A seguir, o duque sorriu, como o sol a sair por trás de uma nuvem, e o seu rosto mudou completamente.

— Que comece a cerimónia!

O Isak levantou a cobertura que protegia os ovos.

Havia cinco ovos! O Joe contou e voltou a contar, para ter a certeza.

Em toda a praça do mercado, havia um burburinho suave de antecipação misturado com assombro.

Cinco ovos. Dez Candidatos. Metade iria para o salão dos dragões. Metade voltaria para casa, infeliz. O Joe conteve a respiração e rezou para que isso não lhe acontecesse a ele, nem ao Conor, nem à Amina.

Havia um ovo creme-amarelado, um ovo azul-esverdeado, um amarelo-dourado e, invulgarmente, dois da mesma cor: ambos de um lilás-pálido. Era uma espécie de roxo — não era exatamente o roxo-escuro dos sonhos dele, mas era suficientemente parecido.

Estou a chegar, disse ele silenciosamente para os ovos, para os dragões que esperavam lá dentro.

A Milla estava de pé na fila da frente, atrás do seu enorme dragão azul. Ela inclinou-se detrás do pescoço do *Iggie* para sorrir para o Joe e dizer com os lábios:

— Boa sorte!

Ainda ninguém se mexia.

Qual era o motivo do atraso? O Joe esfregou o pescoço, a sentir o sol quente na pele. Começou a ferver de impaciência. Estava com a cara em brasa. Perscrutou a multidão para se acalmar e o seu

olhar pousou no único rosto que parecia destroçado. Era a Winter, uma das Sem-Dragão. O dragão dela tinha morrido há dois anos, na Perda Irreparável. Alguns dos Sem-Dragão também tinham morrido nessa altura. A maioria tinha abandonado a ilha, incapaz de viver com lembranças constantes do que tinha perdido. Apenas ela permanecera.

Havia rumores de um fantasma nas ruínas da parte noroeste da ilha — o bairro das sombras —, mas os pais do Joe tinham dito sempre que era apenas a Winter, com o seu vestido cinzento e capa escura, a emergir das sombras para desaparecer de novo.

A mãe dela ainda morava na cidade baixa, mas a Winter vagueava pelas ruas, de dia e de noite, a falar com o seu dragão morto, o *Jin*. As pessoas eram bondosas, encaminhavam-na para casa, davam-lhe comida, mas ela estava esquelética e andava esfarapada como um espantalho, parecendo ter muito mais do que os seus 14 anos.

Geralmente, os olhos cinzentos dela atravessavam as pessoas. Contudo, hoje o olhar da Winter pousou no Joe, e aquilo que ele leu ali foi demasiado difícil de suportar. Viu uma dor inimaginável e intensamente profunda. Teve de desviar o olhar.

— Candidatos! Venham e sentem-se em círculo. Não se aproximem demasiado. Deem espaço aos ovos. — O Isak estava finalmente a chamá-los.

A multidão pareceu sustar a respiração. Todos os olhares estavam postos neles. O Conor avançou primeiro.

O Joe tinha-se esquecido de como andar. Todo o seu corpo parecia estar transformado em chumbo. Ele sentia o peso de todos a fitá-lo.

A Amina empurrou-o gentilmente para a frente.

Ele começou a mexer-se, impetuoso e desastrado. Pisou o calcanhar do Conor, que disse um palavrão.

A seguir, o Joe parou abruptamente e a Amina chocou com as costas dele.

— Joe! Agora, não — sussurrou ela.

— Desculpa! Desculpem! — murmurou para ambos, com o coração aos saltos.

Por fim, chegaram à frente. A *Ravenna* grunhiu ligeiramente.

— Espalhem-se num círculo completo, sem que ninguém fique mais perto! — recordou o Isak, apontando para os lugares deles. — Agora, sentem-se!

O Joe deixou-se cair sobre as pernas, que tremiam de excitação. Sentia o suor a correr-lhe pela espinha abaixo.

A Amina estava sentada muito direita e, por uma vez na vida, solene.

O Conor parecia irradiar luz.

O Joe lançou um olhar pelo círculo, a ver os rostos dos seus adversários. Tinham um ar sério, ou entusiasmado ou nervoso. Todos exceto o Noah, à sua frente, que o fulminava com o olhar.

O Joe desviou o olhar, focando-se nos ovos.

No silêncio que se seguiu, ouviu-se um nítido e distinto *crac*.

SEGUNDO VOLUME DA SAGA

LENDAS DOS CÉUS

O Jowan quer apenas uma coisa:
criar um elo com um dragão. Quando
um desastre acontece e o seu mundo se
transforma subitamente num lugar sombrio
e perigoso, uma nova amiga e uma descoberta
surpreendente poderão levá-lo a alcançar
aquilo que ele sempre desejou...

Mas apenas se ele estiver disposto
a arriscar... e a enfrentar o impossível
perante um vulcão em erupção.
Conseguirá ele agir antes
que seja tarde demais?

**Uma aventura inesquecível
sobre coragem, crescimento
e o poder da amizade.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

penguinkidspt

ISBN 978-989-596-332-4



9 789895 963324